

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: UM ESTUDO SOBRE O
FENÔMENO DO ROTACISMO NA CIDADE DE OIAPOQUE/AP**

LINGUISTIC BELIEFS AND ATTITUDES: A STUDY ON THE PHENOMENON
OF RHOTACISM IN THE CITY OF OIAPOQUE/AP

Lenilson de Almeida Feitosa¹

Universidade Federal do Amapá

Celeste Maria da Rocha Ribeiro²

Universidade Federal do Amapá

Resumo: Este artigo³ apresenta um estudo inserido no campo da avaliação social da língua, ou seja, no âmbito das crenças e atitudes linguísticas expressas pelo indivíduo perante a própria língua ou variedade linguística, como também a de seu interlocutor. Estabeleceu-se como objetivo principal analisar as atitudes linguísticas positivas ou negativas manifestadas pelos informantes oiaupoquenses ante ao fenômeno variável do rotacismo. Para tanto, buscou-se suporte teórico-metodológico nos princípios da Sociolinguística laboviana, como também em estudos que tratam das atitudes linguísticas, principalmente os advindos de Lambert e Lambert (1968), dentre outros. Utilizou-se como principal instrumento para a coleta de dados um questionário composto de dez questões fechadas, as quais contemplaram os três componentes das atitudes, a saber: cognitivo, conativo e afetivo. Participaram da pesquisa oito informantes “juizes” no total estratificados socialmente na amostra do *corpus* da seguinte maneira: na variável sexo, quatro homens e quatro mulheres; faixas etárias, primeira entre 18 a 30 anos, segunda, acima de 50 anos; escolaridade, ensino médio e nível superior. O resultado das avaliações subjetivas revelou que os falantes nativos da referida localidade amapaense alvo da pesquisa, manifestaram atitudes negativas quando foram colocados em posição de “juizes” diante do fenômeno. Além disso, os dados revelaram, ainda, a consciência linguística e sociolinguística, estereótipos e preferências linguísticas emitidas pelos sujeitos participantes do referido estudo.

Palavras-chave: Variação; Atitudes linguísticas; Rotacismo.

Abstract: This article presents a study within the field of social evaluation of language, that is, within the scope of linguistic beliefs and attitudes expressed by the individual towards their own

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), pelo Programa de Pós-graduação em Letras – PPGLET, na linha de pesquisa: diversidade linguística na Amazônia. E-mail: lenilsonaf@hotmail.com

² Doutora em Linguística, docente da área de língua portuguesa da Universidade Federal do Amapá, atuando na Graduação e Pós-Graduação em Letras.

³ Este artigo é um recorte da minha dissertação de mestrado defendida para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Federal do Amapá, em janeiro de 2024, sob a orientação da professora Dra. Celeste Maria da Rocha Ribeiro (PPGLET/UNIFAP).

language or linguistic variety, as well as that of their interlocutor. The main objective was to analyze the positive or negative linguistic attitudes expressed by oiapoquenses informants towards the variable phenomenon of rhotacism. To this end, theoretical and methodological support was sought in the principles of Labovian Sociolinguistics, as well as in studies that deal with linguistic attitudes, mainly those coming from Lambert and Lambert (1968), among others. The main instrument for data collection was a questionnaire composed of 10 closed questions, which covered the three components of attitudes, namely: cognitive, conative and affective. 08 participated in the research “judge” informants in total socially stratified in the corpus sample as follows: in the gender variable, 04 men and 04 women; age groups, first between 18 and 30 years old, second, over 50 years old; education, secondary education and higher education. The result of the subjective evaluations revealed that the native speakers of the Amapá locality targeted by the research expressed negative attitudes when they were placed in the position of “judge” in the face of the phenomenon. Furthermore, the data also revealed the linguistic and sociolinguistic awareness, stereotypes and linguistic preferences expressed by the subjects participating in the aforementioned study.

Key-words: Variation; Linguistic beliefs and attitudes; Rhotacism.

Recebido em 30 de abril de 2024.

Aprovado em 9 de maio de 2024.

Introdução

Os seres humanos de uma maneira ou de outra manifestam suas preferências, gostos e afinidades por um objeto social, o qual pode ser um indivíduo, um grupo social, livros, filmes, política, línguas, entre outros. Na mesma esteira há também as aversões, rejeições e antipatias para os referidos objetos sociais. Cita-se como exemplo, os julgamentos diários que ocorrem via redes sociais, isto é, uma pessoa torna-se uma celebridade ou em outros contextos uma pessoa bem estimada socialmente, quando recebe milhares e até mesmo milhões de “likes” positivos (julgamentos). Em situação contrária, torna-se “cancelada” quando recebe enxurradas de julgamentos negativos, ou seja, rejeições e aversões.

Quando se trata de um objeto social específico por exemplo, uma língua ou variedade linguística, há também julgamentos por parte de seus usuários para com elas. Aos julgamentos que se possa efetuar com relação às formas linguísticas, sendo positivos ou negativos, trará como consequências prestígios ou estereótipos sociais aos seus usuários. É nesse contexto dos julgamentos que envolve a avaliação social da língua que se insere a referida pesquisa, pois dentro da avaliação, encontram-se as crenças e atitudes linguísticas do indivíduo – nosso objeto de estudo.

A avaliação social da língua diz respeito aos julgamentos sociais realizados pelos falantes ante a sua língua ou variedade, como também a de outrem. Alkmin (2001, p. 42) assevera que “os julgamentos sociais ante a língua – ou melhor as atitudes sociais – se baseiam em critérios não linguísticos: são julgamentos de natureza política e social”. A expressão ‘atitude linguística’ advém do campo da psicologia social⁴, a partir da inserção da língua como objeto de estudo, fato atribuído aos psicólogos sociais Lambert e Lambert (1968). Para os autores, as manifestações do indivíduo de aceitação ou rejeição a quaisquer aspectos da língua são compreendidas como atitudes linguísticas.

A partir da década de 1970, os sociolinguistas passaram a incorporar em suas pesquisas os estudos das crenças e atitudes linguísticas e como destaca Labov (2008), tal elemento contribui para o entendimento do processo de variação e mudança linguística. Além do mais, permitem ao pesquisador aproximar-se do conhecimento das reações subjetivas dos falantes ante a língua ou variedade que usam. Depreende-se, portanto, que o comportamento linguístico dos falantes está relacionado as suas crenças, pensamentos, sentimentos e influências recebidas do seu meio social.

Assim, o presente estudo associa os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista ou laboviana e os estudos das Atitudes Linguísticas, sobretudo os advindos de Lambert e Lambert (1968), no qual questionamos: como os falantes oiapoquenses avaliam o fenômeno do rotacismo? ou seja, como estes reagem ao modo de falar da pessoa que profere tal fenômeno pertencente ao português brasileiro. Nos dizeres de Leite (2004), a avaliação positiva ou negativa conferida a algum aspecto linguístico, encontra-se associada aos valores sociais creditados a ele.

A partir desses questionamentos formulou-se as seguintes hipóteses: (i) O componente afetivo apresenta-se como determinante para a formação das atitudes linguísticas do tipo negativa junto à variante rotacismo; (ii) Os informantes de nível superior tendem a ser mais tolerantes para com a variante, como também, mais consciente sociolinguisticamente; (iii) As mulheres e os informantes mais jovens são mais críticos para com a variante, ou seja, preferem usos linguísticos mais prestigiados.

Visando encontrar respostas a essas questões, buscamos como objetivo principal analisar as atitudes linguísticas positivas ou negativas manifestadas pelos informantes

⁴ É o estudo experimental dos indivíduos, examinados no seu enquadramento social e cultural.

naturais da cidade de Oiapoque (AP), ante ao fenômeno variável do Rotacismo⁵. Como objetivos específicos, visamos descrever os componentes formadores das atitudes linguísticas, a saber: cognitivo, afetivo e conativo determinando seus dados percentuais e pesos como condicionantes, ou não, das atitudes positivas ou negativas expressas pelos falantes; (ii) examinar o papel das variáveis sociais controladas sexo/gênero, faixa etária e escolaridade na composição dos dados percentuais das atitudes linguísticas positivas e negativas, especificando quais variáveis atuam como possíveis condicionantes; (iii) inferir a partir das crenças e atitudes linguísticas manifestadas pelos informantes o peso do significado social atribuído à variante rotacismo no contexto oiapoquense.

A escolha da localidade Oiapoque, *locus* de pesquisa, localizada no interior do Estado do Amapá (cidade que faz fronteira com a Guiana Francesa), levou em consideração um estudo linguístico realizado por Razky, Ribeiro e Sanches (2017) que evidenciou ocorrências do rotacismo no falar dos oiapoquenses. Trata-se do Atlas Linguístico do Amapá, (doravante, ALAP, 2017), o qual compõe-se de 16 cartas fonéticas, 73 cartas lexicais e 30 cartas estratificadas. Especificamente, a carta fonética de número F03 do referido atlas registrou a realização do fonema /l/ na variante [r], em dados percentuais de 25% aproximadamente.

Para a concretização dos objetivos estabelecidos, constituímos uma amostra estratificada em sexo, idade e escolaridade. O principal instrumento utilizado para a coleta de dados neste trabalho foi um questionário quantitativo constituído de dez perguntas fechadas – aplicado com auxílio da técnica *matched guise test* (falsos pares). É válido ressaltar que avaliamos não a variação linguística em si, mas as atitudes e os significados sociais atribuídos a ela, nesse caso ao fenômeno em questão.

O referido artigo está organizado da seguinte maneira: referencial teórico seções iniciais, prossegue com os procedimentos metodológicos, descrição e análise dos dados e, por fim, tem-se a conclusão a respeito do comportamento linguístico dos falantes oiapoquenses.

1 Sociolinguística, Crença e Atitude Linguística

Esta seção discorre sobre as duas vertentes teóricas que contribuíram para o desenvolvimento deste estudo, a saber: a Sociolinguística Variacionista e a Psicologia

⁵ Nesta investigação adotou-se a terminologia de Câmara Jr. (1972) para quem o rotacismo consiste na realização de um som rótico onde esperaríamos um som lateral, ou seja, a troca de uma líquida lateral por uma líquida vibrante, como, por exemplo, a realização de blusa > brusa.

Social. Valeu-se na Sociolinguística das contribuições teórico-metodológicas de Willian Labov (2008) e na Psicologia o legado deixado pelos irmãos Willian e Wallace Lambert (1968). Além destes, outros autores de ambos os campos do conhecimento fomentaram as discussões e reflexões presentes ao longo do texto.

1.1 Sociolinguística Variacionista: uma abordagem pautada no significado social

Willian Labov (2008 [1972]), linguista norte americano, foi quem consolidou esse novo programa de estudo a – Sociolinguística variacionista⁶ – conhecida ainda como Teoria da Variação e Mudança ou Quantitativa, pois trabalha com dados estatísticos na obtenção e análise dos resultados. Esse modelo emergiu, conforme Tarallo (1994), como uma reação à ausência do significado social na análise linguística dos modelos formalistas anteriormente citados. Para chegar ao modelo variacionista, Labov contou com os resultados de dois estudos, basicamente, os quais comprovaram as suas hipóteses iniciais no que se refere a influência das variáveis sociais sobre os usos linguísticos do falante.

O primeiro trabalho realizado pelo teórico ocorreu em 1963, quando ele investigou a realização dos ditongos na ilha de Marthas´s Vineyard, localizada no litoral do Estado de Massachusetts, Estados Unidos. Labov (2008) analisou a relação entre os fatores sociais como idade, sexo, ocupação, origem e atitude – ao comportamento linguístico expresso pelos moradores da referida ilha. E constatou que tais fatores exerciam papel decisivo para explicar as causas de variação linguística que ocorria na pronúncia de certos fonemas do inglês proferidos pelos moradores nativos da ilha.

A estratificação social do /r/ nas lojas de departamento da cidade de Nova Iorque em (1964) foi o segundo trabalho empreitado pelo estudioso na busca de consolidar suas hipóteses e metodologia de pesquisa. Os resultados mostraram que o componente social se mostrou influente nos usos linguísticos do som de /r/. Dito de outra forma, o comportamento linguístico para a realização do /r/ ocorreu de acordo com a estratificação das classes: média-alta (alta manifestação), classe média (mais ou menos) e de baixo prestígio (pouca realização). Como conclusão, Labov (2008) observou que uma

⁶ Doravante, Sociolinguística.

pronúncia diferente não reflete somente atitude quanto à classe social do falante, como também, permite que grupos sociais possam ser diferenciados.

Os resultados desses dois trabalhos, além de comprovar as hipóteses do autor, e a relevância do componente social para a análise linguística, consolidou os pressupostos teóricos e metodológicos como produtivos na investigação da variação linguística. Essa metodologia compreende algumas etapas descritas respectivamente assim: selecionam-se os informantes, delimitam-se os instrumentos para a coleta de dados em campo, descrevem-se detalhadamente as variantes, ou seja, envelopa-se a variação, levantam-se as questões e hipóteses da pesquisa, codificam-se os dados e realiza-se a análise estatística. Seguindo tais etapas, tem-se um instrumental metodológico que permite analisar e sistematizar os diferentes tipos de variação linguística, por exemplo, fonológico, morfológico, lexical dentre outros (Tarallo, 1994).

Labov (2008) demonstrou que os usos linguísticos no interior da comunidade de fala, não ocorrem de maneira aleatória, sem justificativas, sem regras ou padrões linguísticos tal como declaravam os formalistas. O autor ressalva que a heterogeneidade da língua é estruturada, ordenada, assim sendo, existe regras sim no sistema heterogêneo, uma vez que a regra gramatical deste sistema é concebida como variável. Nesse sentido, não há variação livre, pois sua realização é condicionada por fatores do contexto social e/ou linguístico. Em síntese, a partir do modelo laboviano, a variação linguística tornou-se passível de ser descrita cientificamente e analisada estatisticamente.

A mudança linguística é um tema que merece ser levantado mesmo que brevemente nesse tópico, pois ele é de suma importância para os estudos sociolinguísticos. As discussões e reflexões a respeito da mudança das línguas naturais tem suas raízes na publicação do texto de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). Os autores ao abordarem a temática destacaram que ela é inerente e inevitável as línguas. Entretanto, salientam que nem toda variação e heterogeneidade provocam mudança, mas toda mudança requer variação e heterogeneidade.

Nesse contexto, Weinreich, Labov e Herzog (2006) são enfáticos e destacam cinco problemas teóricos a serem resolvidos quando se faz uma análise dos fenômenos linguísticos sob à luz da teoria da variação e mudança linguística, a saber: a) problema de restrição; b) problema de encaixamento; c) problema de avaliação; d) de transição; e) de implementação.

Com relação a esses problemas teóricos supracitados e tendo em vista o papel do pesquisador, Mollica expressa:

[...] antes de tudo, o linguista deve compreender como se caracteriza uma determinada variação de acordo com as propriedades da língua, verificar seu *status* social positivo ou negativo, entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em competição acham-se [...] em processo de variação estável ou mudança em progresso. [...] Deve-se levar em consideração ainda a mudança em tempo real e mudança em tempo aparente (Mollica, 2021, p. 10).

A respeito do tema avaliação, Alkmim (2001, p. 41) declara “A avaliação social das variedades linguísticas é um fato observável em qualquer comunidade de fala”. Nos estudos realizados por Labov (1963;1964), por exemplo, utilizou-se de um teste de avaliação subjetiva da língua para verificar as atitudes dos falantes frente aos usos linguísticos dos ditongos, como também, na verificação da realização do som do /r/. Diante disso, ressalta-se que a proposta deste estudo se insere na temática da avaliação social da língua, a qual contempla as crenças e atitudes linguísticas dos falantes, objeto precípuo da referida pesquisa.

1.2 Crenças e atitudes linguísticas: Conceitos e Definições

A palavra “crença” vem do latim “credentia”, advinda do verbo “credere”, que no português brasileiro significa “acreditar”. De maneira dicionarizada, seguem as definições: “convicção íntima”; “opinião que se adota com fé e convicção”; “ato ou efeito de crer”; “fé religiosa” (Ferreira, 2014, p. 376). Esses sentidos de crença, remetem ao entendimento de verdade, mesmo que essa verdade, não tenha valor empírico, experienciado, ou seja, é uma disposição mental, cognitiva, neural, no qual acredita-se em pessoas, entidades ou coisas.

De acordo com o psicólogo social, Bem (1973), ‘crenças’ são as concepções, as convicções coletivamente formadas, da qual emergem a compreensão do próprio ser humano e do meio em que vive. Para o autor, o ser humano efetua juízo de valor (julgamentos), em valor positivo ou não, a respeito de suas experiências do mundo, objeto social ou de alguém. Depreende-se como objeto social, muitos elementos, como por exemplo, uma língua, variedade linguística ou dialeto (Lambert; Lambert, 1968).

Nesses termos, a definição de ‘crenças’ fica compreendida como um elemento avaliativo do indivíduo e, segundo Bem (1973), constitui o elemento cognitivo da atitude. Nesse sentido, as crenças, caracterizadas como subjetivas e avaliativas, alicerçam os parâmetros cognitivos e afetivos para as preferências e as antipatias. Pagani e Scabori

(2022) asseveram que a atitude é movida pela crença e pelas avaliações que a crença faz acerca de um determinado objeto social. Desse modo, a atitude manifestada pelo falante é baseada nos conhecimentos, saberes e crenças sobre uma pessoa, um grupo social, entidades, fatos, língua, de si mesmo etc.

Do ponto de vista sociolinguístico, a expressão “crença linguística” foi utilizada pela primeira vez por Willian Labov, durante a realização de sua pesquisa sobre a estratificação social do /r/ nas lojas de departamento da cidade de Nova Iorque, na qual inseriu a temática da avaliação social. Os informantes realizaram um teste de avaliação subjetiva frente as realizações do som de /r/. Os resultados apontaram que o uso heterogêneo do referido som, afetavam de certo modo os julgamentos dos entrevistados, em relação à classe social daqueles falantes. Assim, para Labov (2008) as crenças de um grupo social configuram-se como um conjunto de verdades culturais imposta ou repassada a cada indivíduo desse grupo.

Hora (2015) assevera que a variação linguística carrega um significado social, e conseqüentemente, provoca diferentes reações no ouvinte, as quais podem representar muito de suas crenças linguísticas. Logo, esses comportamentos linguísticos dos indivíduos reverberam como “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (Labov, 2008, p. 176).

Barcelos (2007), com relação à temática, desmistifica a concepção estática das crenças linguísticas, definindo-as como dinâmicas, sociais e individuais, contraditórias e paradoxais. Conforme evidencia a autora, as crenças mudam ao longo do tempo e espaço, entretanto, não ocorre de maneira imediata ou instantânea nos indivíduos. Tais mudanças advêm da interação social, das experiências com o meio, as quais ocorrem de maneira direta ou não. As crenças atuam de maneira social, como também, individual, em detrimento a capacidade de cada indivíduo assimilar de modo distinto eventuais experiências (Barcelos, 2007).

No que tange à definição do termo ‘Atitude’, encontra-se primeiramente em Allport (1935, p. 19) a seguinte definição “é um estado mental e neurológico de prontidão, organizado por meio da experiência, exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta do indivíduo a todos os objetos e situações com que se relaciona”. Tal definição de atitude fica expandida e compreendida em Allport (1954), como uma disposição

aprendida para pensar, sentir e agir em relação a uma pessoa ou objeto social de forma particular.

Cardoso (2015), corrobora com a definição de atitude vista em Allport (1935;1954), da seguinte maneira,

As atitudes levam a uma avaliação mais ou menos emocional e orientam o indivíduo a escolher entre diferentes programas de ação. São suscetíveis de mudanças, não sendo, porém, inatas; desenvolvem-se e organizam-se com a experiência, e são dinâmicas, uma vez que levam o indivíduo a perceber coisas e pessoas que o rodeiam de maneiras diferentes sem parar para refletir (Cardoso, 2015, p. 16).

Nas definições dos teóricos citados acima, a ‘atitude’ fica compreendida como uma orientação avaliativa para quaisquer objetos sociais. Se o objeto for uma variante linguística, por exemplo, o indivíduo fará uma avaliação subjetiva, isto é, recorrerá aos conhecimentos, crenças, preferências ou aversões que se tem sobre a variante. Feito essa varredura de base cognitiva e afetiva sua atitude será manifestada para com o objeto social. Se houver preferência, aceitação sua atitude será do tipo positiva, de maneira análoga, se manifestar rejeição, aversão sua atitude será negativa para com a variante.

Cardoso (2015) destaca que as atitudes são influenciadas por questões afetivas, enfatiza ainda que as atitudes não são inatas ao ser, dessa forma, são construídas ou adquiridas pelo contato com o grupo social ou comunidades onde reside ou transita. Esse fato foi observado na pesquisa de Labov (2008), o autor constatou que o ambiente influenciava o comportamento linguístico de seus informantes, pelo contato com pessoas de mais prestígio social, como também de menos prestígio que circulavam nas lojas de departamento em Nova Iorque. Interessante perceber o efeito das manifestações das atitudes, pois elas expressam e/ou revelam muitas vezes ou na maioria delas, as crenças sociais, alojadas na mente do ser humano.

Retomando Bem (1973, p. 29) com relação a atitude, o autor assim a define:

As atitudes são os gostos e as antipatias. São as nossas afinidades e aversões a situações e objetos, grupos ou quaisquer outros aspectos identificáveis do nosso meio, incluindo ideias abstratas políticas e sociais. [...] nossos gostos e antipatias têm raízes nas nossas emoções, no nosso comportamento e nas influências sociais que são exercidas sobre nós. Mas também repousam em bases cognitivas. As atitudes como as crenças podem ser conclusões de silogismos.

O termo silogismo empregado pelo autor remete a ideia das crenças e atitudes estarem vinculadas a um modelo de raciocínio baseado na dedução, de modo lógico aristotélico e as vezes psicológico freudiano (Bem, 1973). Conforme o autor, as atitudes se fundamentam em quatro componentes: cognitivo, emocional, comportamental e social,

os quais correspondem ao modo do ser humano pensar, sentir, comportar-se e de interagir com os outros, respectivamente. Destaca-se que na estrutura dos componentes da atitude estabelecida pelo teórico, existe a presença do componente social, o qual refere-se às influências que o indivíduo recebe ao longo da vida, como também do acúmulo de suas experiências. O termo experiência observado em Bem (1973), diz respeito ao aspecto dinâmico das atitudes sociais do indivíduo, isto é, ela pode ser construída, como também modificada no decorrer de sua existência.

Lambert e Lambert (1968), psicólogos sociais, compactuaram com as ideias de Bem (1973) e Allport (1935; 1954) de que as crenças e as atitudes são fundamentadas em atividades psicológicas, entretanto, concentraram seu foco de estudos, sobretudo, nas atitudes. Conferem-se aos irmãos Lambert, o título de precursores dos estudos das atitudes linguísticas, pois foram eles os primeiros a integrarem a língua como objeto de estudo no campo da psicologia social. Posteriormente, os sociolinguistas, a partir dos anos de 1970, incorporaram em suas pesquisas os estudos das crenças e atitudes, ampliando assim, seus conceitos e domínios, chegando até ao campo do ensino e aprendizagem (Aguilera; Silva, 2014).

Desse modo, a partir da incorporação dos estudos da linguagem ao campo da psicologia tornou-se possível avaliar as atitudes e crenças dos falantes, ante a língua ou variedade sua ou de seu interlocutor. Os teóricos Lambert e Lambert definem as atitudes da seguinte forma,

[...] uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir (Lambert; Lambert, 1968, p. 78).

As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com quem nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos (Lambert; Lambert, 1968, p. 83).

Nota-se nesses recortes de Lambert e Lambert (1968) os três componentes das atitudes: pensamentos/crenças, sentimentos/emoções e comportamentos/tendências para reagir. Para os autores, “uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos” (Lambert; Lambert, 1968, p. 78). Em vista disso, a

medição da atitude é considerada dedutiva, ou seja, obtidas a partir de informações dos referidos componentes.

Conforme os autores, adeptos da abordagem mentalista da Psicologia social, a atitude, não pode ser diretamente observada, distintamente da visão comportamentalista, a qual defende a ideia de observação direta das atitudes. Este fato, entretanto, não significa dizer que as atitudes não possam ser medidas e inferidas, para tanto, Lambert e Lambert (1968) asseveram que se deve utilizar de métodos e técnicas apropriados.

Diante disso, os teóricos desenvolveram uma série de técnicas sistemáticas com intuito de aferir e inferir as atitudes. A técnica *matched guise test* também conhecida como falsos pares, é clássica e foi elaborada e utilizada por eles em seus estudos clássicos sobre o bilinguismo nas escolas anglo-francófonas no Canadá. O capítulo metodológico discorre sobre a técnica mencionada.

Como visto até aqui, as atitudes são manifestações de pensamentos, sentimentos, reações junto a um objeto social, formam-se internamente ao ser, sendo influenciadas por fatores sociais e culturais. Lambert e Lambert (1968) explicam que as atitudes podem ser modificadas mais rapidamente por novas experiências quando não estão consolidadas plenamente em seus três elementos. Porém, após serem solidificadas, isto é, firmadas em seus elementos, tornam-se mais difíceis de serem alteradas e/ou modificadas.

Os autores as classificaram assim, positivas quando a pessoa diante de fatos, notícias, pessoas, memes, de um falar diferente do seu, expressam afinidades, aceitação, gostos e preferências. De forma semelhante, são negativas quando exprimem repulsas, hesitações, antipatias e aversões. Moreno Fernández (2009) define atitude linguística como sendo uma manifestação da atitude social dos indivíduos frente à língua e suas variedades ou dialetos. Segundo a compreensão do autor, as atitudes dos indivíduos são determinantes para a vitalidade de uma forma linguística, seja ela prestigiada ou não.

Para contextualizar as classificações das atitudes expressas por Lambert e Lambert (1968) e Moreno Fernández (2009), insere-se como exemplo, a variante rotacismo realizada na variação fonológica, blusa ~ *brusa*. Quando a atitude linguística manifestada pelo indivíduo for do tipo favorável (positiva), depreende-se que ele evidencia sentimento para com a variante, ou tem conhecimento de sua importância para a identidade do grupo social que a utiliza em seus usos linguísticos. Por outro lado, ao manifestar atitude desfavorável (negativa), infere-se que esse indivíduo tenha repulsa, aversão para com o

fenômeno, ou talvez o conceba como estereotipado, desprestigiado, sem perspectiva para inclinação social.

As consequências das atitudes positivas asseguram continuidade de uso para com a língua, variedade linguística ou dialeto, no exemplo acima, seria a vitalidade do rotacismo. Para as atitudes negativas as consequências são desastrosas e implicam a possibilidade de descontinuidade do uso e até mesmo desaparecimento de uma língua, variedade ou dialeto, novamente cita-se o exemplo do rotacismo. Foi com base nesse cenário social e linguístico que buscou-se captar neste trabalho as atitudes linguísticas dos falantes oiapoquenses ante ao fenômeno do rotacismo.

No próximo tópico serão descritos os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho.

2 Procedimentos metodológicos

Esta seção destina-se à apresentação dos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa. Relata-se o caminho percorrido, descrevendo-se o tipo de pesquisa, o ponto de inquérito. Segue com a descrição do perfil dos informantes e finaliza-se com uma breve descrição do protocolo de uso do questionário quantitativo utilizado para captar os dados de atitudes linguísticas.

2.1 Tipo de pesquisa

Adotou-se como pressupostos metodológicos as contribuições da Sociolinguística Variacionista e da Psicologia Social, sobretudo, da metodologia da técnica *matched guise test* (falsos pares) de Lambert e Lambert (1968). Além destes, valeu-se ainda dos trabalhos realizados sobre Atitudes Linguísticas de Botassini (2013) e Cardoso (2015). Em Botassini, recorreu-se ao modelo do questionário quantitativo, por conseguinte em Cardoso, buscou-se o sistema de escalas para aferir/inferir as atitudes linguísticas.

Como visto anteriormente, esta pesquisa se insere dentro da concepção mentalista da psicologia, a qual utiliza-se dos métodos diretos e indiretos para medir/inferir atitudes. Moreno Fernández (2009) explica que os métodos diretos se desenvolvem com auxílio de questionário de estrutura aberta ou fechada, aplicado de maneira consciente junto ao informante. Todavia, as medições indiretas objetivam obter as respostas dos informantes de maneira inconsciente, ou seja, sem que o sujeito participante saiba do que se trata. Dentre as várias técnicas existentes para as aferições indiretas, valeu-se da técnica *matched guise test*, citada acima.

Quanto ao tipo de abordagem para as análises dos dados coletados, legitimou-se a do tipo quanti-qualitativa descritiva. O modelo quantitativo permitiu que os resultados fossem configurados em tabelas e gráficos estatísticos os quais proporcionaram analisar e interpretar as informações. O caráter qualitativo possibilitou as análises mais subjetivas e complexas do comportamento humano, tais como, atitudes, sentimentos, ações e posicionamentos. Marconi e Lakatos (2021) salientam que as duas abordagens se complementam de alguma forma, pois em algumas situações a quantitativa precisa de explicações qualitativas e vice-versa.

Em síntese, os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho, resultaram da junção epistemológica dos fatores psicológicos, sociais e linguísticos. O fator psicológico abarcou a concepção mentalista e seu método – indireto, auxiliado pela técnica *matched guise test*. Com relação aos fatores sociais e linguísticos, buscou-se na sociolinguística variacionista ou laboviana, métodos para estratificar o perfil social dos informantes. Nesses termos, criaram-se as conexões necessárias para depreender acerca das crenças e atitudes linguísticas dos sujeitos participantes da pesquisa.

2.2 A cidade do Oiapoque

Oiapoque⁷ é uma cidade constituída de muitas especificidades, as quais as distinguem das demais cidades que formam o estado do Amapá. Duas expressões são conferidas normalmente ao lugar: “Aqui começa o Brasil”, grafado em seu monumento histórico, e “Do Oiapoque ao Chuí”, expressão consagrada pelo imaginário popular brasileiro. No que diz respeito as duas expressões, a primeira refere-se ao fato histórico de inserção⁸ das terras do extremo norte ao território brasileiro. A segunda é um misto que confere ao Oiapoque a dimensão espacial de lugar distante, “isolado”, de fronteira⁹, o qual reclama durante décadas por desenvolvimento humano, ambiental, socioeconômico, e o mais (Almeida; Rauber, 2017).

⁷ É também o nome do rio que banha a cidade, demarcador natural da fronteira internacional com o território ultramarino da Guiana Francesa. Sua origem advém do tupi-guarany, derivada do termo “oiap-coa” e significa “casa dos Waiãpis” ou “casa dos guerreiros ou parentes”.

⁸ Durante muitas décadas essa região foi litígio entre franceses e portugueses, e posteriormente ao governo brasileiro, encerrando-se em 1º de dezembro de 1900, com a assinatura do laudo Suíço, que legitimou as terras do Cabo Norte pertencentes ao território do Brasil.

⁹ Para se aprofundar no assunto sobre a formação sócio-histórico-cultural e política de Oiapoque e também do próprio estado do Amapá, conferir COSTA, Paulo Marcelo Cambraia. “Em verdes labirintos: a construção da fronteira franco-portuguesa (1760-1803). 1. ed. – Belém-PA: Paka Tatu, 2022.

A cidade fronteiriça localiza-se no extremo norte do Amapá, distante da capital a aproximadamente 590 quilômetros, acessível pela BR-156, principalmente, mas também pelas vias fluvial ou aérea. Dispõe de uma população segundo o IBGE (2022) de 27.482 habitantes distribuídos pelos distritos de Oiapoque (sede), Clevelândia e Vila Velha, em uma área de 22.725, 70 km². Como singularidade, faz fronteira internacional com a Guiana Francesa, tal fato lhe atribui as vantagens e desvantagens inerentes às cidades brasileiras fronteiriças. Informa-se que a pesquisa *in loco* se desenvolveu somente no espaço urbano.

Quanto ao processo de formação socioespacial, econômico e cultural da sociedade oiapoquense, deve-se levar em consideração os fatores histórico e geográfico local, os quais foram cruciais para a sua formatação territorial, tal como é concebida nos dias de hoje. A respeito do assunto, confere-se a seguinte assertiva,

[...] a cidade de Oiapoque era conhecida inicialmente como vila Martinica, em referência às suas raízes caribenhas provenientes de um possível primeiro habitante antillesses oriundo da ilha da Martinique. Os indígenas do Oiapoque [...] juntamente com créoles, antillesses, cearenses, paraenses, maranhenses, ribeirinhos e caboclos de diversos lugares, formam o tecido étnico complexo de constituição dessa região (Almeida; Rauber, 2017, p. 478).

Observa-se a partir do recorte acima que tal região foi sendo ocupada durante séculos por vários grupos étnicos, sobretudo indígenas. Acontece que pelo fato de ter sido um lugar de lutas e conflitos entre francos e portugueses, contribuiu de certa forma para o fluxo migratório dos negros fugitivos da cabanagem, soldados portugueses desertores, escravizados locais, entre outros. Tornando-se, assim, terras de “refúgio” um território de intersecção e de redes de relações interculturais (Costa, 2022). Já no século XX, com a descoberta e exploração do ouro e de outros recursos naturais, houve um fluxo intenso de pessoas advindas do Ceará, Pará, Maranhão entre outros lugares para a região de Oiapoque, especialmente rumo à cidade.

Acerca do setor econômico os três setores, primário, secundário e terciário, fomentam o emprego e renda na cidade, o secundário vale-se muito da mineração (exploração) do ouro; o setor terciário é impulsionado pela circulação dos guianeses e franceses, em Oiapoque, estes alimentam o comércio local, frequentando bares, restaurantes, salão de beleza, lojas etc. Por conseguinte, o setor primário contempla o funcionalismo público.

No que se refere a cultura oiapoquense, destacam-se as festas religiosas e indígenas. Cita-se como destaque, a festa da pesca do Tucunaré, a festa de Nossa Senhora

das Graças a padroeira do Município e a festa do Turé - símbolo da identidade indígena do Amapá, maior atrativo cultural local, anualmente agrega todas as etnias indígenas da região. Enfatiza-se que nas imediações do município vivem dezenas de povoados e grupos indígenas.

Ainda sobre as peculiaridades da localidade oiapoquense, ressalta-se o contato linguístico presente na região, entre a língua francesa, crioulo guianês e línguas indígenas com o português amapaense, os quais só enriquecem a diversidade e a ecologia linguística do lugar. Assim sendo, esse mosaico linguístico constituído em Oiapoque, torna-se um atrativo para as investigações sobre a temática das crenças e atitudes linguísticas.

Desse modo, não foi propósito desse estudo abordar de maneira pormenorizada e com a devida atenção que merece os aspectos que aludem à formação social, histórica e cultural da cidade supracitada. No entanto, deixou-se algumas referências para fins de aprofundamento teórico a respeito do assunto, pois, considera-se que os referidos fatores constituíram as crenças, os saberes, as identidades, as tradições religiosas e os modos de vida de seus civis.

2.3 Perfil dos informantes

A escolha dos falantes para compor o corpus desse estudo seguiu algumas orientações e critérios alinhados com os objetivos e pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista. Tem-se 08 (oito) falantes distribuídos equitativamente da seguinte forma: sexo/gênero (04 homens e 04 mulheres); faixa etária (primeira de 18 a 30 anos e segunda, acima de 50 anos de idade); escolaridade (ensino médio e superior). Definiu-se que todos os colaboradores fossem da localidade - ponto de inquérito, filhos de pais oiapoquenses e que não tenham se afastado da cidade de origem por um período equivalente a um terço de sua vida.

2.4 Descrição do protocolo de uso do questionário quantitativo utilizado para captar os dados de atitudes linguísticas

O questionário quantitativo objetivou captar as avaliações subjetivas dos informantes amapaenses diante do fenômeno do rotacismo para que, assim, pudessem ser aferidas e inferidas, considerando os julgamentos positivos ou negativos. Para tanto,

valeu-se do questionário elaborado por Botassini (2013)¹⁰ e dos sistemas de escalas de Cardoso (2015)¹¹, os quais foram adaptados para servir de instrumento avaliativo nesta pesquisa.

O questionário quantitativo compõe-se de 10 perguntas (para esse recorte apresenta-se somente 06) a saber: A fala que você acabou de ouvir é conhecida? A fala que você acabou de ouvir é importante? A fala que você acabou de ouvir é prestigiada? A fala que você acabou de ouvir é simples? A fala que você acabou de ouvir é bonita? A fala que você acabou de ouvir é agradável? Assim sendo, os participantes foram submetidos ao protocolo (procedimentos) da técnica *matched guise test* (falsos pares) de Lambert e Lambert (1968). A referida técnica é descrita da seguinte maneira:

[...] tal técnica foi desenvolvida com o propósito de inferir e medir atitudes. Consiste em apresentar a um grupo de “juízes” (ouvintes que farão julgamentos) gravações de falantes perfeitamente bilíngues lendo a mesma passagem de um texto duas vezes: em um primeiro momento, na própria língua (por exemplo, o francês) e, em um segundo momento, em outra língua (por exemplo, o inglês). A esses juízes são requeridos que ouçam as gravações e avaliem as características pessoais de cada falante usando as pistas vocais e de leitura. Nessa avaliação, apresentam-se características positivas e negativas relacionadas a itens como competência (p. ex.: inteligência, autoconfiança, ambição) integridade pessoal (p. ex.: sinceridade, caráter, confiabilidade) atratividade social (p. ex.: sociabilidade, empatia, senso de humor). Os juízes, entretanto, não tem conhecimento de que, na verdade, trata-se das mesmas pessoas ora lendo o texto em uma língua, ora lendo-o em outra (Botassini, 2013, p. 54).

Para este estudo a técnica *matched guise test*, foi desenvolvida da seguinte maneira: selecionou-se um falante amapaense com 55 anos de idade, enquadrado nos seguintes critérios, detentor de curso superior e conhecedor do fenômeno em questão, com boa dicção e timbre de voz, além de bom nível de leitura. Esses requisitos foram necessários para dar ao áudio (gravado) um formato mais próximo da naturalidade de uso do fenômeno rotacismo.

O colaborador realizou a gravação de dois áudios em ambiente controlado a partir da leitura de um mesmo texto estruturado linguisticamente em duas versões diferentes. O primeiro sem a presença do fenômeno e o segundo com a presença deste, sem, contudo, perder o significado. As respostas dadas às perguntas foram somadas como sugere Aguilera (2008) e os resultados seguem na próxima seção.

¹⁰ A autora na elaboração do questionário quantitativo baseou-se no trabalho de Bergamaschi (2006). Analisou crenças e atitudes linguísticas de falantes norte-paranaense, gaúchos e cariocas frente aos róticos em coda silábica.

¹¹ A autora investigou atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros, utilizando alguns sistemas de escalas, os quais configuram-se de suma importância para aferir/inferir as atitudes linguísticas.

3 Descrição e análises dos resultados

Nesta seção, apresenta-se a descrição e análise dos dados obtidos a partir das avaliações subjetivas realizadas pelos informantes oiapoquenses ante ao fenômeno do rotacismo. As análises dos resultados encontram-se organizadas da seguinte maneira: primeiramente tem-se a quantificação total de respostas obtidas na pesquisa para as questões de 1 a 6 especificadas em positivas e negativas, seguida da contabilização geral das respostas dadas para cada uma das perguntas referentes aos componentes das atitudes; segue com as análises dos dados estatísticos das variáveis sociais controladas, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. Destaca-se que neste momento não será efetuada a análise das questões de 7 a 10 relacionadas à competência e à integridade do interlocutor.

3.1 Quantificação total de respostas positivas e negativas obtidas na pesquisa em Oiapoque

As respostas assinaladas pelos informantes para os questionamentos de 1 a 6 totalizaram 48 julgamentos. Desse total de respostas efetivadas pelos “juízes” da pesquisa, 39,6% corresponderam aos julgamentos positivos e 60,4% aos julgamentos negativos. O gráfico 1 a seguir ilustra esses dados percentuais obtidos na localidade do Oiapoque.

Gráfico 1 – Panorama das atitudes dos informantes da cidade de Oiapoque



Fonte: Elaboração própria.

A leitura do gráfico 1 já revela que os colaboradores oiapoquenses em princípio, avaliaram de maneira negativa o uso do rotacismo com um percentual de 20,8% de

distinção entre as atitudes positivas e negativas. Mediante a esse resultado geral conferido as atitudes linguísticas dos oiapoquenses, buscou-se compreender como se constituíram esses percentuais tanto os positivos quanto os negativos. Para tanto, apresenta-se a seguir os valores percentuais referentes a cada um dos componentes formadores das atitudes. Esses valores advêm da soma das respectivas perguntas que os representaram. Assim sendo, as perguntas 1 e 2 referem-se ao componente cognitivo, por conseguinte, 3 e 4 ao afetivo e 5 e 6 ao conativo.

Tabela 1 – Percentuais das respostas para cada um dos componentes das atitudes

Componentes das atitudes	Respostas positivas	Respostas negativas
cognitivo	29,2 %	4,2 %
afetivo	4,2 %	29,1 %
conativo	6,2%	27,1%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados da tabela 1 acima mostram os percentuais atribuídos para cada um dos componentes constituintes das atitudes linguísticas. As questões 1 e 2 voltadas a captar o saber, a crença e o conhecimento dos entrevistados acerca do rotacismo indicam 29,2% de julgamentos positivos em oposição a 4,2% de julgamentos negativos. No que diz respeito ao componente afetivo, inquéritos 3 e 4, responsável pelos sentimentos e emoções, isto é, afinidades, aversões, valoração ou antipatia, conferiu-se 4,2% de aceitação e 29,1% de rejeição. O componente conativo, perguntas 5 e 6, responsável pela tendência de reação ao que se sabe e sente sobre a variante, registrou 6,2% de reações positivas e 27,1% de reações negativas.

Como mencionado, buscou-se depreender como se compuseram os resultados das atitudes linguísticas dos participantes oiapoquenses ilustradas no gráfico 1, a partir dos dados da tabela 1. Nesses termos, efetivada a verificação nos três componentes constituintes das atitudes, destaca-se que a diferença percentual mínima de 2% do elemento afetivo em relação ao conativo, não permite dizer plenamente que ele seja um condicionante das atitudes negativas. Torna-se então, mais coerente evidenciar que ambos atuaram como condicionantes dos percentuais negativos das atitudes linguísticas.

3.2 Avaliações das atitudes e crenças¹² linguísticas na variável sexo em Oiapoque

¹² Destaca-se que as crenças estão inseridas nas atitudes, especificamente no componente cognitivo, como salienta Lambert e Lambert (1968). Botassini (2013) assevera que as atitudes linguísticas sendo positivas ou negativas já manifestam em si, as crenças dos informantes. Nesses termos, não foi realizado neste estudo medições das crenças, e sim, somente das atitudes linguísticas, considerando os excertos dos autores/a.

A tabela 2, reflete os percentuais relativos às avaliações positivas e negativas obtidos a partir dos julgamentos de homens e mulheres oiapoquenses ante ao fenômeno em questão.

Tabela 2 – Percentuais das avaliações na variável sexo ante a variante rotacismo

Variável Social	Avaliação	
	Positiva	Negativa
Sexo/gênero		
Homens	25,0 %	25,0%
Mulheres	14,6 %	35,4 %

Fonte: Elaboração própria (2023).

Os resultados apontam para os homens 25% de avaliação positiva e 25% de avaliação negativa. Em relação às mulheres temos 14,6% de reação positiva e 35,4% de reação negativa. Esses dados evidenciam que as mulheres avaliaram mais negativamente o fenômeno do rotacismo com um diferencial de 10,4% em comparação aos homens. Em contrapartida, comparando as reações positivas, os homens apresentaram julgamentos mais positivos com uma diferença semelhante de 10,4 % favorável ao referido fenômeno.

Assim, diante dos dados descritos, depreende-se que o grupo social das mulheres atuaram como condicionadoras das atitudes linguísticas negativas diante do fenômeno do rotacismo na comunidade investigada. Conforme Labov (2008) as mulheres tendem a usar menos as formas estigmatizadas e mais as prestigiadas. Tal fato pode ser justificado pela preocupação que há com os julgamentos sociais negativos, isto é, o preconceito com certos usos linguísticos considerados desprestigiados na sociedade. Nessa mesma linha de pensamento, Paiva (2021) salienta que as mulheres tendem a constituir uma consciência linguística, monitorando-se constantemente quanto aos seus usos. Destaca-se ainda que de certo modo as mulheres sofrem pressão social para um comportamento mais polido e sofisticado no que tange ao modo de se expressar linguisticamente.

3.3 Avaliações das atitudes e crenças linguísticas na variável faixa etária em Oiapoque

Em relação à variável faixa etária os informantes oiapoquenses foram divididos em dois grupos de “juízes”: o primeiro de 18 a 30 anos e o segundo acima de 50 anos. Os resultados das avaliações emitidas por esses grupos sociais seguem descritas na tabela 3.

Tabela 3 – Percentuais das avaliações na variável faixa etária ante a variante rotacismo

Variável Social	Avaliação	
	Positiva	Negativa
Faixa etária		
18 a 30 anos	20,8%	29,2%

acima de 50 anos	18,8%	31,2%
------------------	-------	-------

Fonte: Elaboração própria.

Os dados da tabela 3 expressa que na 1ª FE as avaliações positivas somaram 20,8%, contra 29,2% de avaliações negativas. A 2ª FE apresentou 18,8% de reações positivas e 31,2% de reações negativas. Ao comparar as duas faixas etárias, 1ª FE e a 2ª FE, verifica-se que os percentuais diferenciais no que tange aos julgamentos negativos são mínimos e equivalente a 2%. Em detrimento dos percentuais distintivos serem mínimos, não foi possível determinar qual dos fatores da variável social faixa etária, condicionou negativamente o fenômeno linguístico em Oiapoque. Nesses termos, a partir dos dados observados, infere-se que tanto os jovens quanto os mais velhos mostraram-se críticos ao rotacismo. Pode-se deduzir ainda, que há uma preferência por usos linguísticos mais sofisticados e/ou de reconhecimento socioeconômico.

3.4 Avaliações das atitudes e crenças linguísticas na variável escolaridade em Oiapoque

A tabela 4 indica os percentuais para os julgamentos favoráveis e desfavoráveis exteriorizados pelos dois grupos sociais com nível médio e superior, diante do estímulo de fala com traços do rotacismo.

Tabela 4 – Percentuais das avaliações na variável escolaridade ante a variante rotacismo

Variável social	Avaliação	
	Positiva	Negativa
Nível de Escolaridade		
Ensino Médio	20,8%	29,2%
Ensino Superior	18,8%	31,2%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados da tabela 4 acima retratam que os “juízes” oiapoquenses do ensino médio manifestaram 20,8% de atitudes positivas e 29,2% de atitudes negativas. Por outro lado, o grupo de pessoas com ensino superior apresentou 18,8% de julgamentos positivos, em contraposição a 31,2% de julgamentos negativos. Ao comparar os percentuais das avaliações positivas e negativas entre os dois níveis de escolaridade constatou-se que o

grupo social de nível superior¹³, assim como o de nível médio, evidencia 2% de diferença tanto para as avaliações positivas, quanto negativas.

Uma possível explicação para justificar os dados similares vistos na variável social escolaridade advém do componente conativo. Esse constituinte da atitude linguística, representativo da conduta ou comportamento diante do objeto social, colaborou significativamente para a configuração dos percentuais de atitudes negativas ilustrada no gráfico 1. Corbari (2013), como também López Morales (2004), salientam que as variedades da língua são condicionadas também pelo comportamento linguístico assumido pelo falante, ou seja, por sua manifestação de rejeição para alguns modos de falar e preferência por outros.

Com base no recorte teórico dos autores e mediante os percentuais negativos dos grupos sociais de nível médio e superior, supõe-se que a rejeição manifestada ante ao rotacismo ocorre por questões de preferência ou valoração aos usos linguísticos mais prestigiados socialmente. Considerando os percentuais de 2% de diferença entre as avaliações tabela 4, não é possível especificar qual grupo social atuou como condicionante de atitudes negativas, ante ao fenômeno do rotacismo. Ademais, tem-se um cenário linguístico tencionando para um possível desuso do fenômeno no falar oiapoquense, mas somente estudos futuros poderão confirmar.

Considerações finais

Este artigo, apresentou um estudo que associou pressupostos teóricos e metodológicos de duas áreas do conhecimento a saber, a Psicologia Social e a Sociolinguística Variacionista. O objeto de investigação focalizou, especificamente, as crenças e atitudes linguísticas dos sujeitos participantes naturais da cidade de Oiapoque. Enfatiza-se que a junção dos fatores psicológicos, sociais e linguísticos se mostraram satisfatórios e propiciaram a compreensão dos aspectos cognitivo e afetivo que orientaram o comportamento linguístico dos falantes ante ao fenômeno em questão. Considerando o objeto de estudo, as hipóteses levantadas e os objetivos traçados, resumem-se a seguir as conclusões alcançadas a partir da análise dos dados.

No que diz respeito aos componentes das atitudes linguísticas, o componente afetivo registrou 29,1% de respostas negativas em oposição a 27,1% do conativo e 4,2%

¹³ Ratifica-se que os informantes de nível superior na localidade investigada são em sua maioria oriundos dos cursos de licenciaturas e os demais dos cursos de bacharelados.

do cognitivo. A diferença percentual mínima de 2% do elemento afetivo em relação ao conativo, não lhe garante plenamente ser um condicionante das atitudes negativas. Portanto, a hipótese de que o elemento afetivo é determinante na composição das avaliações linguísticas negativas, não se confirmou na localidade do Oiapoque.

A respeito da segunda hipótese a de que os informantes de nível superior tendem a ser mais tolerantes com o rotacismo e também mais consciente sociolinguisticamente. Conforme os resultados observados, a hipótese não se confirmou na cidade de Oiapoque, pois não foi possível especificar qual grupo social escolarizado (nível médio ou superior), manifestou-se mais crítico ante ao fenômeno em questão.

A última hipótese destacava que as mulheres e os informantes mais jovens apresentam atitudes mais negativas diante do rotacismo, ou seja, preferem usos linguísticos mais prestigiados. Os resultados validaram a hipótese para o grupo social das mulheres, pois estas, julgaram mais negativamente a fala marcada pela rotacização da consoante ‘L’ em ‘R’. O diferencial de atitudes negativas entre homens e mulheres evidenciou 10,4% de discrepância. Para o grupo social dos mais jovens com faixa etária entre 18 a 30 anos de idade (1ª FE), os dados percentuais analisados não confirmaram a hipótese, pois verificou-se que nenhum dos fatores da variável social faixa etária mostrou-se condicionador das atitudes linguísticas negativas.

Assim, evidencia-se que os informantes embora reconheçam a existência do fenômeno rotacismo, não manifestaram afetividade, ou seja, preferência ou valorização. Depreende-se que as suas crenças sociais e linguísticas são desfavoráveis às formas linguísticas de pouco ou sem nenhum reconhecimento de ordem socioeconômico, como é o caso do rotacismo. Essa postura corrobora de certo modo para a manutenção do discurso monolíngue, o qual defende a variedade padrão como única forma “correta” para falar e escrever. E, que todos os usuários da língua devem segui-la. Para mais, corrobora ainda, com práticas preconceituosas quanto aos usos linguísticos que destoam dos padrões normativos da língua, os quais são encarados como “erros” de português.

Para finalizar, ressalta-se que nossos objetivos foram alcançados de maneira coerente e satisfatória. Esperamos que esta pesquisa instigue e/ou inspire outras investigações no campo das crenças e atitudes linguísticas, tendo em vista abarcar outros fenômenos da realidade linguística amapaense.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina da. O poder de uma diferença: Um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. *Alfa*, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 703-723, 2014.

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda & Bentes; Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-47.

ALLPORT, Gordon Willard. Atitudes. In: MURCHISON, Carl (ed.). *A handbook of social psychology*. Worcester: Clark University Press, 1935 [1954]. v. 2, p. 798-844.

ALMEIDA, Carina Santos de; RAUBER, Alexandre Luiz. Oiapoque, aqui começa o Brasil: a fronteira em construção e os desafios do Desenvolvimento Regional. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 1, p. 474 - 493, jan-abr. 2017.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 109-138, jul-dez. 2007.

BEM, Daryl Jay. *Convicções, atitudes e assuntos humanos*. Tradução: Carolina Marusseli Bori. São Paulo: EPU, 1973.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná*. 2013. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

CARDOSO, Denise Porto. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015.

CORBARI, Clarice Cristina. *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. 2013. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

COSTA, Paulo Marcelo Cambraia. *Em verdes labirintos: a construção social da fronteira franco-francesa (1760-1803)*. Belém-PA: Paka -Tatu, 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2014.

HORA, Dermeval da; SAVAREDA, Mônica Guimarães; MARTINS, Marco Antônio. (orgs.). *Identidade social e contato linguístico no português brasileiro*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015. 260 p.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades 2022*. Rio de Janeiro: 2022.

- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. 392 p.
- LAMBERT, William; LAMBERT, Wallace. *Psicologia Social*. Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 172.
- LEITE, Cândida Mara Britto. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- LIMA, Ana Kelly Lima de. *Atitudes linguísticas e o fenômeno do rotacismo no município de Breves-PA*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso Campus (Graduação em Letras/Português) – Universidade Federal do Pará: Campus do Marajó, Breves, 2016.
- LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. 3. ed. Madrid: Gredos, 2004.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Erva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de Sociolingüística y Sociología Del Lenguaje*. 4.ed. Barcelona: Ariel Letras, 2009. p. 180-193.
- PAGANI, Ed Carlos; SCABORI, Kauana. O falar diferente no interior do Espírito Santo: Pelo aporte teórico de crenças e atitudes linguísticas. *Entretextos*, Londrina, v. 22, n. 1, p. 05-21, jan./jun. 2022.
- PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília & Braga, Maria Luiza. (orgs.) *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto: 2021.
- RAZKY, Abdelhak; RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha Ribeiro; SANCHES, Romário Duarte. *Atlas lingüístico do Amapá*. São Paulo: Labrador, 2017.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática S.A, 1994.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Maurice. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].